

ENTRE A ILUSÃO E A DESILUSÃO: A NEGAÇÃO DO BAQUE EM NOITE DE ALMIRANTE

Carla Cristiane Martins Vianna*

RESUMO: Este ensaio pretende ensinar uma análise de “Noite de almirante”, conto publicado pela primeira vez por Machado de Assis em 1884 na *Gazeta de Notícias*, partindo das leituras dialogadas realizadas com os alunos durante a experiência docente da autora. Sendo assim, a leitura aqui reconstruída busca entender a forma e o conteúdo desse conto a partir do embate de diferentes pontos de vista. Se, por um lado, temos jovens leitores que percebem na forma dessa narrativa a mimese do sentimento amoroso, por outro, temos um texto que nos apresenta um narrador mestre em artimanhas que levam o leitor a ficar ao mesmo tempo próximo e distante do ponto de vista da personagem enamorada personificada por Deolindo Venta-Grande.

PALAVRAS-CHAVE: Conto machadiano - Noite de almirante - mimese

ABSTRACT: The short story “Noite de Almirante” [An Admiral’s Night], by nineteenth century Brazilian author Machado de Assis, was first published in 1884 by the newspaper *Gazeta de Notícias*, in Rio de Janeiro. This essay brings my experience as a teacher guiding twenty first century students, in Porto Alegre, through an interactional approach of reading that was performed during our literature lessons. This analysis reconstructs the struggle between different points of view trying to realize which shape and content have forged the story. If, on one hand, we have young readers who immediately identify the mimesis of love, on the other hand they face such a tricky narrator, that the whole reading experience leads them to alternate their perspective on the storyline by sometimes shaping their views away from that initial conclusion, while at some other times bringing them back to the point of view of Deolindo Venta-Grande, the infatuated character.

KEY WORDS: Machado de Assis – Noite de Almirante – mimesis

Machado de Assis foi autor de mais de duzentas narrativas curtas, mais de duzentas histórias que trazem em si as paixões humanas tecidas das mais diversas formas, todas orientadas pelo intuito de experimentar com a forma do conto. Assim, cada conto machadiano é um universo singular a ser descoberto pelas várias possibilidades de leitura que eles proporcionam ao leitor. Estamos tratando então de textos complexos que exigem leitores aptos a realizarem o trabalho de análise da narrativa que está diante de seus olhos. Até certo ponto sim, em boa medida não.

Para esclarecer o raciocínio, é preciso contar que a escritura deste ensaio começou a ser pensada há uns anos, mais especificamente quando, pela primeira vez, a professora aqui pediu, aos seus alunos do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública, que lessem “A cartomante”, “Missa do galo” e “Noite de almirante”. Era uma

* Mestre e doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e-mail: ccmvianna@gmail.com

tentativa de aproximá-los do texto literário, da complexidade e da riqueza de ler um mestre do conto como Machado. Era um projeto de inserir a leitura solitária e silenciosa no cotidiano deles, tão unidos e barulhentos. Não tinha erro: três contos excelentes, textos no xerox, duas semanas para a leitura. As aulas marcadas para os seminários seriam passeios pelo universo machadiano.

Ingenuidade de principiante, erro pedagógico, de tudo um pouco. Quando chegaram as aulas das discussões, todas as turmas me fizeram aterrissar os dois pés machadianos no chão das salas de aulas de adolescentes de quatorze, quinze anos de idade e quase nenhuma experiência de leitura de textos exigentes como os de Machado. Foi assim que aprendi que o início de “A cartomante” é repleto de malabarismos narrativos que fizeram meus alunos ficarem desorientados em meio a um narrador digressivo, diálogos interrompidos para um flashback... Muita novidade para a professora querer que eles entendam sozinhos, sem maiores orientações. Mea culpa.

Excetuando a dificuldade de entendimento do início do desenvolvimento narrativo de “A cartomante”, a recepção do conto foi positiva, tendo em vista que eles gostaram das peripécias e do suspense que envolvia o triângulo formado por Rita, Vilela e Camilo. O mesmo não posso dizer sobre a leitura de “Missa do Galo”, texto que foi repudiado por todos, sem exceção, pois “não acontecia nada”, “o cara ficava só enrolando”, eles “se mataram lendo e nada de emocionante aconteceu”. Sobrou para mim e para o Machado toda a energia que os adolescentes depositam naquilo que lhes desagradava. Escutei tudo e todos até que a aula terminou, fui para outra turma e vivi mais do mesmo e assim foi até acabar a tarde. Tinha dado tudo errado, pois, ao invés de aproximá-los do texto de Machado, eu tinha traumatizado todo o primeiro ano da escola. Um pesadelo e tanto para quem leva a sério a tarefa de ensinar.

Erro de estratégia, era preciso mudar a orientação do trabalho e foi o que fiz: perguntei se alguma vez eles já tinham ficado com dúvida sobre as reais intenções de outra pessoa em uma determinada situação, se nenhuma vez eles tinham ficado no quase. Depois, li em voz alta, com pausas para comentários, perguntas, risos e gritinhos todo o “Missa do galo” em cada turma. Descobrimos outro Machado, quando acompanhamos com paciência a malandragem de Meneses, os olhares e a movimentação de Conceição, o envolvimento de Nogueira. Eles se envolveram com a dubiedade das ações de Conceição, tentaram decifrá-la, enfim, entraram na história como não tinham feito até então.

Para a última aula dos seminários tinha restado o “Noite de almirante” e, logo na primeira turma da discussão, uma aluna tomou a frente e falou: — sora, este aqui fala de um coitado iludido! Fiquei em silêncio uns instantes até perceber que tinha acabado de escutar algo que merecia mais atenção, pois este conto publicado por Machado em 1884 na Gazeta de Notícias é um relato que tematiza a sina de um iludido, que é o Deolindo, mas somos nós mesmos, leitores. Aprendi isso com os meus alunos de quatorze e quinze anos, que olharam para esta narrativa com uma paixão diferente da minha e que, talvez por isso, tenha me ensinado tanto. Vivendo a fase das intensas paixões, eles, mais do que eu, reconheceram, nos pensamentos e nas atitudes de Deolindo, o movimento da paixão, que oscila entre a ilusão e a desilusão, agitação que é

o tempo todo inscrita na forma da narrativa, bem ao gosto do autor, que, conforme Augusto Meyer:

Quase toda a obra de Machado de Assis é um pretexto para o improvisado de borboleteios maliciosos, digressões e parênteses felizes... Fez do seu capricho uma regra de composição... (...) Em Machado, a aparência de movimento, a pirueta e o malabarismo são disfarces que mal conseguem dissimular uma profunda gravidade — deveria dizer: uma terrível estabilidade. Toda a sua trepidação acaba marcando passo. (MEYER, 2008, p.15)

A trepidação de Machado marca passo nesse texto também, pois basta acompanharmos a síntese factual da história aqui discutida: um narrador em terceira pessoa relata a história do marujo Deolindo, que se apaixona pela caboclinha Genoveva e fica três meses com ela até que precisa embarcar para uma longa viagem; apaixonados eles fazem um juramento de fidelidade. Deolindo volta, mas, ao chegar à casa de Genoveva, Deolindo, fica sabendo por Dona Inácia que a moça estava com outro, o mascate José Diogo. Ele vai até a Praia Formosa e encontra Genoveva, mas ela permanece indiferente e distante, diz que seu coração tinha mudado. Deolindo fala que vai se matar, mas Genoveva não acredita. No dia seguinte, Deolindo finge felicidade para os mesmos companheiros que o viram ir ao encontro de Genoveva.

É esse o enredo do drama de Deolindo Venta-Grande, embora a leitura da narrativa nos apresente uma história bem mais complexa do que o encadeamento de fatos que acabamos de acompanhar. Nessa linha de raciocínio, Luis Augusto Fischer, ao problematizar dois polos entre os quais se situam os contos machadianos, percebeu que

Pode-se dizer de outro modo essa sensação: se algum leitor quiser relatar para outrem, de viva voz e a partir de sua memória, um desses grandes contos de Machado de Assis, experimentará uma frustração que é, em si mesma, uma estranheza. Porque esse leitor hipotético, por mais avisado que seja das manhas estruturais do autor, tenderá a concentrar seu relato na peripécia, no enredo, quer dizer, nos episódios envolvendo os personagens que entram em cena, como é natural; e ao repassar a peripécia perceberá que falta algo de essencial, que se perdeu entre a leitura e o relato, sem salvação, sem recuperação. O que foi que se perdeu? Exatamente aquilo que é novo, que é estranho, que é a invenção: um certo jeito de expor a posição do narrador, o jogo entre mais de uma voz narrativa atuando na mesma história, a trampa armada pelo conto que, parecendo ser uma história de ação, é sempre mais (ou menos) que isso, exatamente porque seu efeito na leitura depende diretamente dessa atuação do narrador e do arranjo narrativo. Exemplos notórios desse grupo de grandes contos: “Missa do galo”, “Uns braços”, “Noite de almirante”. O leitor sai deles com a sensação meio angustiante de que entendeu mas não tudo, de que acompanhou uma história realista mas percebeu também algo mais que ele não sabe nomear, algo que caminhou em paralelo, ou por baixo, ou pelo lado, do fluxo do relato. (FISCHER, 2008, p.144).

A citação foi longa, mas necessária para a reconstrução do diagnóstico do estranhamento suscitado pela leitura de contos como “Noite de almirante” e “Missa do galo”, uma vez que em ambos perdemos algo entre a leitura e o relato, bem como nos dois a “trampa armada pelo conto” deixa nós, os leitores, desamparados tentando entender esse “algo que caminhou em paralelo, ou por baixo, ou pelo lado, do fluxo do relato”. Talvez resida aí o estranhamento e a invocação dos meus alunos do ensino médio ao depararem com este tipo de narrativa.

Textos densos como “Missa do galo”, “Uns braços” e “Noite de almirante” passam a fazer parte da bibliografia do bruxo do Cosme Velho a partir da publicação de *Papéis avulsos* (1882), que está para os contos assim como *Memórias póstumas de Brás Cubas* está para os romances. A reviravolta machadiana na altura dos quarenta anos traçou uma nova realidade para a sua ficção, na qual “a fantasia do início cresceu em imaginação criadora. Os tipos se humanizaram, ganharam sangue e vida” (PEREIRA, 1955, p. 136). Sangue e vida é o que não falta a Genoveva e Deolindo, personagens centrais dessa história publicada no livro *Histórias sem data*, no mesmo ano em que foi veiculada pela Gazeta de Notícias. Indo um pouco mais além, podemos afirmar que não falta sangue, vida e movimentação no enredo de Deolindo e sua caboclinha. Vejamos:

DEOLINDO VENTA-GRANDE (era uma alcunha de bordo) saiu ao Arsenal de Marinha e enfiou pela Rua de Bragança. Batiam três horas da tarde. Era a fina flor dos marujos e, demais, levava um grande ar de felicidade nos olhos. A corveta dele voltou de uma longa viagem de instrução, e Deolindo veio à terra tão depressa alcançou licença. Os companheiros disseram-lhe, rindo:

- Ah! Venta-Grande! Que noite de almirante vai você passar! ceia, viola e os braços de Genoveva. Colozinho de Genoveva... (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.418).

O conto inicia com a breve apresentação de Deolindo Venta-Grande, que estava saindo do Arsenal da Marinha e tomando a direção da Rua de Bragança. Três horas da tarde. Era um marujo fina flor, e a narrativa não titubeia em tomar o ritmo acelerado do deslocamento de Deolindo, que, afinal de contas, é marujo, habituado a deslocar-se no globo. Ele estava feliz porque regressava de longa viagem e, atentemos aos detalhes, “veio à terra tão depressa alcançou licença”. Quem nos conta isso tudo é um narrador em terceira pessoa, que, em seguida, interrompe a narrativa para reproduzir o diálogo entre o marujo e seus companheiros de lida. Estavam todos festejando a noite promissora de Deolindo, todos esperando pela festa que seria rever Genoveva... uma noite de almirante para quem já tinha vivido longos dias de marujo.

Mas quem era a tal Genoveva? É o que o narrador nos trata de informar, apresentando-a ao mesmo tempo em que reconstrói a história de amor dos dois:

Chamava-se Genoveva, caboclinha de vinte anos, esperta, olho negro e atrevido. Encontraram-se em casa de terceiro e ficaram morrendo um pelo outro, a tal ponto que estiveram prestes a dar uma cabeçada, ele deixaria o serviço e ela o acompanharia para a vila mais recôndita do interior. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.418).

A velha Inácia não permitiu que os enamorados cumprissem tais intentos, e Deolindo seguiu em viagem de instrução por oito ou dez meses, não sem antes, como fiança recíproca, fazer um juramento de fidelidade com a amada. Juraram por Deus que está no céu, desejaram que a luz lhes faltasse na hora da morte. Muito sangue e muita vida corriam na veia dos namorados naquele momento, em seguida, veio o afastamento, “os dias foram passando, as semanas, os meses, dez meses, ao cabo dos quais, a corveta tornou e Deolindo com ela”:

Lá vai ele agora, pela rua de Bragança, Prainha e Saúde, até ao princípio da Gamboa, onde mora Genoveva. A casa é uma rotulazinha escura, portal rachado do sol, passando o Cemitério dos Ingleses; lá deve estar Genoveva, debruçada à janela, esperando por ele. Deolindo prepara uma palavra que lhe diga. Já formulou esta: "Jurei e cumpri", mas procura outra melhor. Ao mesmo tempo lembra as mulheres que viu por esse mundo de Cristo, italianas, marselhesas ou turcas, muitas delas bonitas, ou que lhe pareciam tais. Concorde que nem todas seriam para os beijos dele, mas algumas eram, e nem por isso fez caso de nenhuma. Só pensava em Genoveva. A mesma casinha dela, tão pequenina, e a mobília de pé quebrado, tudo velho e pouco, isso mesmo lhe lembrava diante dos palácios de outras terras. Foi à custa de muita economia que comprou em Trieste um par de brincos, que leva agora no bolso com algumas bugigangas. E ela que lhe guardaria? Pode ser que um lenço marcado com o nome dele e uma âncora na ponta, porque ela sabia marcar muito bem. Nisto chegou à Gamboa, passou o cemitério e deu com a casa fechada. Bateu, falou-lhe uma voz conhecida, a da velha Inácia, que veio abrir-lhe a porta com grandes exclamações de prazer. Deolindo, impaciente, perguntou por Genoveva. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.419).

A voz narrativa desse conto nos induz a acompanhar Deolindo na saída do Arsenal de Marinha e a entrada pela Rua de Bragança, assim como pelos devaneios com os outros marujos sobre a grande noite que viveria nos braços de Genoveva, do mesmo modo revivemos com ele a paixão e as juras de amor trocadas com a moçoila, bem como a sua caminhada pelas ruas da capital fluminense em busca do tão aguardado encontro. Ele se desloca com as pernas e com os pensamentos que vão se ocupando em imaginar a casa dela, em ensaiar a frase certa que convenceria a amada dos seus sentimentos. E mais: somos informados que o marujo foi fiel à caboclinha, resistindo a algumas mulheres que eram para os seus beijos em nome da jura que dividiu com Genoveva. Como se não bastasse tudo isso, ainda ficamos sabendo que ele levava nos bolsos um par de brincos comprados em Trieste, que ele ofertaria em troca de, quem sabe, um lenço marcado por ela, com uma âncora, símbolo da profissão dele.

Desta forma, o leitor vai acompanhando a história de amor do marujo e da caboclinha, desde o início da narrativa, colado ao ponto de vista do marinheiro e, mais do que isso, partilhando do anseio de reencontrar a moça. Toda a forma como a narrativa vai se compondo, desde a apresentação, a expectativa de Deolindo e de seus amigos, o flashback, tudo faz o leitor colar-se a Deolindo, dividindo com ele a chegada,

as expectativas, a paixão. É neste ponto que muitos de meus alunos e eu, e creio que deve haver mais gente, discordamos da análise de Alfredo Bosi, quando ele afirma que

Resta saber se o ponto de vista explícito do autor dá conta da complexidade da narração. Vale a pena perguntar: e o marujo Deolindo? O seu amor fiel? A crença na jura e seu cumprimento? Seria, por acaso, menos natural que o comportamento de Genoveva? O que é natural e o que é social no plano dos sentimentos? Ambos juraram e, garante o narrador, ambos o fizeram sinceramente. Qual a diferença? O narrador assumindo (ou simulando) o ponto de vista de Genoveva, procura suprimir essa diferença, sugerindo que tampouco Deolindo cumpria sempre a sua palavra; assim, o marujo, desesperado, dissera a certa altura a Genoveva que se mataria por ela, mas não se matou; e a moça comenta, cética: “Qual o quê! Não se mata não. Deolindo é assim mesmo; diz as coisas, mas não faz. Você verá que não se mata, coitado são ciúmes”. (BOSI, 2007, p.114).

O narrador não assume o ponto de vista de Genoveva, assim como não simula somente o dela. Por que ele não estaria simulando também o ponto de vista de Deolindo? A que espécie de simulação, especificamente, está se referindo Bosi? Esse estranho narrador de que estamos tratando aqui é um tanto intrometido e outro tanto irônico, de modo que, para testemunharmos a sua levada narrativa, basta lermos as passagens grifadas nas citações a seguir:

Genoveva foi ver sair a corveta e voltou para casa com um tal aperto no coração que parecia que "lhe ia dar uma cousa". *Não lhe deu nada, felizmente*; os dias foram passando, as semanas, os meses, dez meses, ao cabo dos quais, a corveta tornou e Deolindo com ela. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.419).

Pode ser que qualquer outra mulher tivesse igual palavra; poucas lhe dariam uma expressão tão cândida, não de propósito, mas involuntariamente. Vede que estamos aqui muito próximos da natureza. Que mal lhe fez ele? *Que mal lhe fez esta pedra que caiu de cima? Qualquer mestre de física lhe explicaria a queda das pedras*. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.421).

Temos aqui uma voz narrativa incerta, que registra com dubiedade a sua posição, de maneira que tal procedimento estende tal imprecisão a todo o arranjo narrativo. Desta feita, o narrador de “Noite de almirante” pode ser intrometido, irônico, mas não assume exclusivamente um único ponto de vista, senão divide o foco narrativo entre Deolindo e Genoveva. Indo na contramão do que enunciou Bosi, arrisco afirmar que, se o narrador pendesse a assumir o ponto de vista de alguma personagem, seria o do marujo Deolindo e não o de sua amada.

São os passos do marinheiro que seguimos desde a primeira linha do conto, são as informações que recebemos mediante a descrição de suas ações e sensações que despertam a curiosidade e a pulsão de realização amorosa. Em suma, é pela identificação com a movimentação (espacial e amorosa) de Deolindo que fruímos a leitura dessa narrativa. Caso contrário, o texto seria outro: a história de uma caboclinha

que, de repente, cede aos encantos de um mascate, esquecendo o amor de um marujo a quem prometera fidelidade e, ao reencontrá-lo, tenta convencê-lo de que é lei natural da vida a volubilidade dos sentimentos. É esse o ponto de vista da narrativa?

O narrador não assume o ponto de vista de Genoveva, ainda que, em determinadas passagens como essa com a qual Bosi exemplificou, ele tenha aproximado a sua voz da consciência dela, reproduzindo, assim, o mesmo procedimento narrativo que assume com o ponto de vista de Deolindo, que, volto a defender, impera ao longo da narração. Tanto não é colada à caboclinha que se desenrola a narrativa que, logo após a jura de fidelidade e o afastamento dos dois, não somos informados do que se passou com ela, o que sabemos é que não lhe deu uma coisa e que o tempo passou. Em seguida, quando nós, leitores, já estamos curtindo a mesma expectativa do marujo, somos pegos tão de surpresa quanto ele o foi pela resposta da velha Inácia quando ele, impaciente, perguntou por Genoveva: “- Não me fale nessa maluca, arremeteu a velha. Estou bem satisfeita com o conselho que lhe dei. Olhe lá se fugisse. Estava agora como o lindo amor”. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.419)

O lindo amor, esse nobre sentimento que fez companhia a Deolindo pelos mares afora, esse mesmo amor estava agora como ele estaria se tivesse desistido de viajar por causa de Genoveva. Nada sutil a maneira como a velha começou a narrar as novas da caboclinha para o apaixonado marujo. Esse é o ponto da narrativa em que não apenas o marinheiro é desestabilizado, mas também os leitores, uma vez que a tensão do conto é sustentada até aqui pela expectativa do encontro amoroso. A partir do diálogo entre Deolindo e a velha Inácia, não é mais o idílio o mais esperado, mas o momento do ajuste de contas entre os dois.

Todo o arranjo narrativo foi armado de modo que Genoveva seduzisse não apenas Deolindo, mas o leitor também, pois o desenvolvimento do enredo cumpre ordenadamente as etapas de alguns envoltimentos amorosos: o encontro, o encantamento, a ilusão e a desilusão. O envolvimento com a causa do marujo é tamanho que frequentemente não reparamos nos sutis indícios da volubilidade da moça, que estão inscritos desde a apresentação dela como uma “caboclinha de vinte anos, esperta, olho negro e atrevido” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.418). E não percebemos porque embarcamos na paixão de Deolindo, porque mimetizamos a parca racionalidade própria dos enamorados.

É mais fácil acreditar na boa índole de uma namorada que se arriscaria a ir morar na vila mais recôndita do interior para fugir com o amado do que enxergar em Genoveva uma mocinha esperta, dona de olhos negros e atrevidos, que jurou fidelidade ao namorado assim:

- Juro por Deus que está no céu. E você?
 - Eu também.
 - Diz direito.
 - Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte.
- (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.418)

Desse modo, além de possuir olhos duvidosos, a caboclinha demonstra uma certa resistência em proferir o discurso do pacto de fidelidade, tanto é que o marujo pede que ela diga direito o seu juramento. Só então ela diz as palavras com as quais ele “andou, viajou, esperou e tornou”. Tudo bem que devemos considerar que o nosso marujo fosse talvez um obsessivo da mesma família de Bento Santiago, do tipo que necessita ouvir frases longas e pronunciadas em alta voz para acreditar nas promessas de uma mulher. Tudo é possível em um texto machadiano, até mesmo que a Genoveva da Praia Formosa estivesse dentro da caboclinha da Gamboa.

Tudo elucubrações que não faziam parte dos pensamentos de Deolindo até o encontro com a velha Inácia, tão crente estava ele que encontraria a namorada a sua espera. Mudanças de planos e de horizontes que surgiram tempestivamente no caminho do marujo, desacoroçoando um homem que até então sabia bem para onde andava:

Deolindo não quis ouvir mais nada. A velha Inácia, um tanto arrependida, ainda lhe deu avisos de prudência, mas ele não os escutou e foi andando. Deixo de notar o que pensou em todo o caminho; não pensou nada. As idéias marinhavam-lhe no cérebro, como em hora de temporal, no meio de uma confusão de ventos e apitos. Entre elas rutilou a faca de bordo, ensangüentada e vingadora. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.419-420).

Atentemos para o fato de que o narrador, até este ponto da narrativa, vinha relatando tudo o que passava na cabeça do marujo e, a partir daqui, deixa “de notar o que pensou em todo o caminho; não pensou nada”. Algo estranho no jeito de enunciar a posição do narrador, tendo em vista que, sem mais avisos, ele deixa de fornecer informações preciosas a nós que estamos ansiosos por saber o que ocorre na cabeça de um apaixonado que leva um golpe desses. Resta-nos ponderar que esta voz narrativa estava tão atada ao Venta-Grande que, justo no momento em que ele tem as suas expectativas amorosas desfeitas, ou seja, quando o que lhe fazia mover-se foi negaceado, essa voz parece solidarizar-se com a desestabilização do marujo.

A invisível linha reta que vinha dando contornos ao enredo de “Noite de almirante” é substituída por traços sinuosos que poderiam contornar as oscilações morais de Deolindo depois de saber que tinha sido trocado pelo mascate, uma vez que nada mais era certeza para ele desde então. Assim, a paixão contrariada trouxe uma agitação semelhante a do mar ao espírito do marujo, já que

A terra firme se perde sob os pés de Deolindo, ele está em alto mar na tempestade, o balanço do tombadilho, aqui o mais perto da vertigem, o auge da tensão, “as idéias marinhavam-lhe no cérebro como em hora de temporal”, os ventos e apitos, o brilho da faca, o instante assassino. (PEREIRA, 2008, p.162).

O auge da tensão é alcançado: o marinheiro foi jogado em alto mar e nós somos obrigados a acompanhá-lo, tendo em vista que o próprio narrador, como já tratamos, perde a firmeza do relato quando a velha Inácia acaba com os planos de Deolindo. Esse narrador passa a desconhecer, ou não quer narrar, os sentimentos íntimos do marujo

traído, informando-nos que as ideias marinham-lhe no cérebro, sem enunciar que ideias eram essas, exceto uma: a faca de bordo, ensanguentada e vingadora.

É muito provável que não tenha sido aleatória, como não costumava ser, a escolha do autor de compor a personagem como um marujo, uma vez que, como homem do mar, fica bem mais explícita a aproximação entre o sentimento amoroso e a vastidão do mar. A falta de chão de Deolindo comunica que mesmo os marujos, tão habituados a tempestades, desconhecem como movimentar-se nesse outro universo. Diante de olhos negros e atrevidos um marujo perdeu o chão do mesmo modo como veio a acontecer com um bacharel que, anos depois, amou uns olhos “grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o narrador da manhã” (MACHADO DE ASSIS, 1998, p.161). Sempre o mar como representação do imprevisível e do fascínio, do perigo e do abismo no qual Deus espelhou o céu, talvez por isso a ligação entre ele e o sentimento amoroso seja recorrente.

Ao aproximar esse conto de *Dom Casmurro*, a intenção não é, nem poderia ser, colocar no mesmo patamar as relações entre Bentinho e Capitu e Deolindo e Genoveva. Nada disso, o intento aqui é estabelecer pontos de contato entre uma história e a outra, dentre eles, não apenas o mar como simbologia da sedução mas também o questionamento do romantismo, da integridade dos sentimentos das moçoilas casadoras, uma vez que tanto Capitu quanto a caboclinha da Gamboa desenhavam comportamentos ambíguos, ambas deixam entrever a possibilidade de interesse de ascensão social combinado às suas relações afetivas. Assim como Capitu, ao ligar-se a Bentinho, estava se deslocando de um estrato social para outro, ao optar pelo mascate José Diogo, Genoveva poderia não estar fazendo uma escolha movida meramente por motivos sentimentais, como enuncia Bosi no trecho que segue:

A situação da jura virou bruscamente assimétrica. O trato verbal foi rompido por um dos lados, e o bem supremo que ele selava, o amor de Genoveva, ela mesma o transferiu para um terceiro, talvez mais atraente, por certo menos pobre. A realidade era assim, para que negá-la? “Uma vez que o mascate venceu o marujo, a razão era do mascate, e cumpria declará-lo.” Essa “simplicidade”, essa “candura”, mantida após a traição, parece ao narrador muito próxima da natureza, que não conheceria pecado, nem culpa, nem remorso, apenas necessidades. (BOSI, 2007, p.113)

Antes de discutirmos a argumentação de Bosi, convém que leiamos duas passagens eloquentes para elucidar o comportamento de Genoveva ao conversar com Deolindo depois de tudo:

Não sorria de escárnio. A expressão das palavras é que era uma mescla de candura e cinismo, de insolência e simplicidade, que desisto de definir melhor. Creio até que insolência e cinismo são mal aplicados. Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjúrio; não se defendia de nada; faltava-lhe o padrão moral das ações. O que dizia, e resumo, é que era melhor não ter mudado, dava-se bem com a afeição do Deolindo, a prova é que quis fugir com ele; mas, uma vez que o mascate venceu o marujo, a razão era do mascate, e cumpria declará-lo. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.420).

Pode ser que qualquer outra mulher tivesse igual palavra; poucas lhe dariam uma expressão tão cândida, não de propósito, mas involuntariamente. Vede que estamos aqui muito próximos da natureza. Que mal lhe fez ele? Que mal lhe fez esta pedra que caiu de cima? Qualquer mestre de física lhe explicaria a queda das pedras. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.421).

Em nenhum momento Genoveva transparece culpa, remorso, pelo contrário, ela não entendia o fato de ter trocado Deolindo por um terceiro como uma questão moral, mas como um desencadeamento natural e inevitável dos fatos. Entre cândida e cínica, entre insolente e simples, ela declarava a vitória do mascate sobre o marujo. E essa poderia muito bem ser também a vitória daquele que gozava de uma situação mais confortável que a do outro... ao vencedor, as batatas no terreno amoroso.

Tal imbróglio amoroso vai se desenrolando mediante uma narrativa em que ora acompanhamos os pensamentos do marujo ora da caboclinha em cenas e diálogos que tecem nos pensamentos e nas palavras de Deolindo, o alvoroço da paixão, pois ele vai da cólera assassina (a faca de bordo que figurou em suas ideias marinhas), à esperança e dessa à desesperança num piscar de olhos, como podemos ler na passagem a seguir:

E, levantando-se, abriu a rótula e fê-lo entrar. Qualquer outro homem ficaria alvoroçado de esperanças, tão francas eram as maneiras da rapariga; podia ser que a velha se enganasse ou mentisse; podia ser mesmo que a cantiga do mascate estivesse acabada. Tudo isso lhe passou pela cabeça, sem a forma precisa do raciocínio ou da reflexão, mas em tumulto e rápido. Genoveva deixou a porta aberta: fê-lo sentar-se, pediu-lhe notícias da viagem e achou-o mais gordo; nenhuma comoção nem intimidade. Deolindo perdeu a última esperança. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.420).

Qualquer outro homem ficaria, e ele ficou, alvoroçado de esperanças ao ser recebido amavelmente por Genoveva, mesmo já conhecendo o desfecho das investidas do mascate José Diogo, mesmo que há pouco o sentimento que lhe animava era a raiva. Ele sentiu a esperança que a cantiga do mascate tivesse se acabado sem a forma precisa do raciocínio, em tumulto e rápido, até que, em seguida, a última esperança foi perdida. Engano do marujo e do leitor, pois aquela não era a última esperança, havia outras que viriam tumultuada e rapidamente animar o apaixonado marinheiro, assim como enunciam estes trechos:

Creio que ele não respondeu nada, nem teria tempo para isso, porque ela disparou mais duas ou três perguntas, uma atrás da outra, tão confusa estava de receber um mimo a troco de um esquecimento. Confusão de cinco ou quatro minutos; pode ser que dous. Não tardou que tirasse os brincos, e os contemplasse e pusesse na caixinha em cima da mesa redonda que estava no meio da sala. Ele pela sua parte começou a crer que, assim como a perdeu, estando ausente, assim o outro, ausente, podia também perdê-la; e, provavelmente, ela não lhe jurara nada. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.421).

A esperança, entretanto, começava a desampará-lo e ele levantou-se definitivamente para sair. Genoveva não quis deixá-lo sair antes que a amiga visse os brincos, e foi mostrar-lhos com grandes encarecimentos. A outra ficou encantada, elogiou-os muito, perguntou se os comprara em França e pediu a Genoveva que os pusesse. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.422).

O movimento pendular que vai da esperança à desesperança, da ilusão à desilusão, numa resistência insistente em negar a realidade que está se descortinando à sua frente, transfere à forma da narrativa a inquietação inerente ao estado amoroso, da mesma maneira que desenha uma oscilação de estados de ânimo que chega a marejar graças a alternância provocada pelo “demônio da esperança”, que “mordia e babujava o coração do pobre diabo”. Pobre diabo que desperta a nossa solidariedade em suas tentativas de evitar que a esperança o abandonasse, deixando-o desamparado em plena tempestade sentimental.

O marujo que protagoniza as páginas desse conto é um tolo apaixonado que reage sentimentalmente aos fatos que lhe são apresentados, os quais, por sua vez, entregam que os outros (Genoveva, José Diogo e até mesmo a velha Inácia) agem de maneira diversa, orientando-se mais pela razão do que pela emoção. Ou seja, Deolindo é, como definiu a minha aluna, um bobo iludido, que não tinha percebido que, em terra de mascates, não se podia guiar somente por razões sentimentais. Um bobo que “levava um grande ar de felicidade nos olhos” quando rumava para a casa de Genoveva e que, perdidas todas as esperanças, “seguiu, praia fora, cabisbaixo e lento, não já o rapaz impetuoso da tarde, mas com um ar velho e triste, ou, para usar outra metáfora de marujo, como um homem ‘que vai do meio caminho para a terra’” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.422).

Ainda que nos impacientemos com a negação de Deolindo, mesmo que o repreendamos mentalmente enquanto lemos as suas infundadas esperanças, ainda assim é difícil que nos afastemos de seu drama, pois dividimos com ele as promessas de um amor que culminaria numa noite de almirante; de tal modo que partilhamos o mesmo desamparo ao testemunharmos a traição da caboclinha. A mesma empatia nos leva a tentar entender o que levou o marujo a mentir para os seus companheiros quando eles perguntaram por Genoveva, já que o narrador nos deixa outra vez desamparados ao relatar a reação de Deolindo com as seguintes palavras: “Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir”.

Como assim parece? Que espécie de narrador é esta que não nos comunica as ideias que “marinhavam” na cabeça de Deolindo neste outro momento aflitivo para ele? Talvez seja da espécie que não consegue ou não quer enunciar tudo o que ocorre à mente de um marujo abandonado. Em suma: entendemos que o baque é tão grande que faz de um homem um bobo e de um narrador persuasivo uma voz cogitante.

REFERÊNCIAS

Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 43, dezembro de 2011. p. 283-294.

BOSI, Alfredo. A máscara e a fenda. In: *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FISCHER, Luis Augusto. A invenção de distâncias. In: *Machado e Borges*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria Noite de almirante. In: *Obra completa em quatro volumes: volume 2*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

_____. *Dom Casmurro*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

MEYER, Augusto. O homem subterrâneo. In: *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

PEREIRA, Lúcia Serrano. *O conto machadiano: uma experiência de vertigens*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.